

Pamuk: o cosmopolitismo europeu

“Uma leitura obrigatória para se entender a Turquia e os que nela optam pela integração europeia”, Álvaro de Vasconcelos

A atribuição do prémio Nobel da literatura a Pamuk deu-me uma enorme satisfação. Antes de tudo porque se trata de uma das minhas mais recentes descobertas literárias, que é ao mesmo tempo uma leitura obrigatória para se entender a Turquia e os que nela optam pela integração europeia, de que Pamuk é um entusiasta. Habitante de Istambul, Pamuk é um grande escritor, um cosmopolita europeu que não acredita na estratificação das culturas e civilizações mas na sua permanente fusão. O seu livro de memórias, *Istanbul*, permite-nos ter toda a dimensão do seu talento literário. Pamuk é, também, um analista fino das complexidades da sociedade turca, confrontada com a sua caminhada para integrar a União Europeia e libertar-se dos extremismos identitários. Em *Snow*, acompanhamos o esforço de um jornalista, Ka, – a lembrar o K de Kafka – para compreender a Turquia profunda numa pequena e isolada cidade, Kars, perto da fronteira com a Arménia, onde existe um anormal número de suicídios de mulheres, obrigadas a tirar o véu.

Em *Snow* ele descreve o confronto entre os nacionalistas laicos, que transformam a herança modernizadora de Atatürk numa opereta perigosa e autoritária, com os islamistas radicais, que em nome do dogma da identidade estão dispostos a matar. Mas existe, evidentemente, como os últimos anos o demonstraram, uma alternativa ao jogo suicida das identidades perigosas, uma vasta corrente de muçulmanos democratas, que está no governo – que consolidou a democracia na Turquia e iniciou o processo da integração na União, e que conta nesses objectivos com o apoio dos laicos democratas e tolerantes, como Pamuk.

Os sectores nacionalistas turcos viram no Nobel de Pamuk um ataque contra a Turquia e um prémio por ter reconhecido, a um jornal suíço, que tinha havido um genocídio dos arménios. Mas a verdade é que foi um prémio dado a um grande escritor e se teve uma dimensão política é porque Pamuk é um democrata, que recusa a intolerância, num país de maioria muçulmana – e muitos ainda não perceberam que Pamuk não é, do ponto de vista do apego aos valores da liberdade, uma excepção. No entanto, a maioria das reacções na Turquia ao Nobel de Pamuk demonstram que se sabe que a sua afirmação enquanto grande escritor europeu contemporâneo, reconhecido assim por muitos, é, também, um grande trunfo contra os que querem definir a identidade europeia de forma exclusivista e anti-turca.

Pamuk afirma em *Snow* que o desprezo pelos países menos desenvolvidos assenta na máxima arrogante de que «se são pobres é porque são estúpidos». Esta máxima ajuda a perceber também uma parte da oposição de certas elites europeias à adesão da Turquia. Esperemos apenas que as notícias dos jornais que já anunciam que a Turquia não será membro da União não confirmem o que dizia a Ka, o editor do jornal de Kars, Serdar Bey: «Existem aqueles que nos desprezam por escrevermos notícias antes de acontecerem... Mas algumas coisas acontecem apenas porque escrevemos sobre elas antecipadamente. Esta é a essência do moderno jornalismo».

Álvaro de Vasconcelos . Director, IEEI.